

Senhor Presidente Edgard Leite Ferreira Neto,  
Senhores Acadêmicos,  
Sr. Secretário de Ciência e Tecnologia e Inovação do Estado do Rio de Janeiro,  
Autoridades Presentes,  
Minhas Senhoras e Meus Senhores

As poucas palavras que gostaria de pronunciar hoje apoiam-se na grande tradição metafísica do ser. A escolha deste tema tão conhecido foi simples por dois motivos: primeiramente porque, nesta casa de Sabedoria, não há nada que se diga que não possa ser mais bem dissertado por cada um dos senhores que compõem esta fraternidade; em segundo lugar, porque também os nossos ilustres convidados partilham e comungam da mesma herança cultural que reavivarei, na esperança de provocar sentimentos de alegria pela pertença a este patrimônio nacional de que todos nós partilhamos.

Rememoro-lhes, inicialmente, a sentença basilar de Parmênides que diz: “pouco me importa por onde comece, pois para lá *mesmo* [τόθι, (*dorthin*)] voltarei sempre” (PARMÊNIDES, 1998, fr. 5). Parmênides refere-se ao ente, ao ser, temas centrais de seu poema. Esta distinção, entre ser e ente, não é mera sutileza do discurso. Trata-se de uma reflexão que envolve o conjunto dos entes, das coisas que conhecemos, e aquela unidade intrínseca que lhes é comum. No pensamento aristotélico, trata-se de uma unidade analógica. Contudo, embora a tradição filosófica se tenha debruçado sobre este tema capital da metafísica, não poderia aqui lembrar todas as conquistas de Platão e Aristóteles sobre as ideias ou a substância como modos de ser privilegiados, nem mesmo a definitiva emergência do ser dos entes no pensamento de Tomás de Aquino, não obstante as críticas de Heidegger. Importa-me o retorno e, quanto ao objeto deste retorno, deixo aos ouvintes o estimulante enigma. Refiro-me, portanto, ao ‘lá mesmo’ do fragmento de Parmênides. Como se sabe, trata-se de uma referência ao ser: “pouco me importa por onde comece, pois para **lá mesmo** [τόθι, (*dorthin*)] voltarei sempre”. Há aqui uma intuição fundamental do filósofo grego que resume o espírito do pensamento ocidental nos dois últimos séculos, portanto, o espírito do pensamento ocidental contemporâneo.

Por exemplo, não seria um eco do fragmento de Parmênides o chamado de Husserl à “volta às coisas mesmas”? Esta ideia de retorno às origens, às fontes, ao fundamento, embora exigência incontornável para o investigador contemporâneo, não é ela propriamente uma novidade. A *Wirkungsgeschichte* de Gadamer permite-nos perceber que essa intuição de Husserl determinou a investigação de Heidegger em *Ser e Tempo*,

levando-o à ‘questão que deu fôlego ao filosofar dos antigos’, especialmente a Platão e a Aristóteles, isto é, o ser. Heidegger, contudo, não pôde ir além do ‘aí’ [*Da*] do ser. Seu método filosófico, de algum modo, inviabilizou o acesso ao ‘lá mesmo’ [*dorthin*]. Não pretendo dizer com isso que a reflexão de Parmênides sobre o ser introduza todos os sentidos do ser, pois, um pouco mais tarde, Aristóteles insistirá em dizer “que o ser se diz de muitas maneiras”. Não se trataria, pois, de mero retorno a Parmênides, mas da recuperação do fundamento da filosofia ocidental, tão almejado pelo próprio Heidegger.

Quantas vezes Tomás de Aquino, em sua busca pelo ser, revisitou – e esta palavra também se tornou contemporânea –, os Padres e, sobretudo, as Escrituras. Naquele caso, a famosa *Catena Aurea* dos quatro evangelhos, agora finalmente em português, mostra-se também uma volta aos fundamentos, conforme, sete séculos mais tarde, recomendou o Vaticano II. Por outro lado, seus comentários bíblicos tornaram-se nova exigência para quem relê Tomás de Aquino hoje e são mais um importante testemunho da atualidade conciliar do autor medieval.

E é nesta mesma linha de retorno que rememoro o patrono desta cadeira, Padre Leonel Franca. Este ilustre jesuíta, nascido no século XIX, cuja trajetória de vida foi interrompida no auge de sua potência criadora, foi, ele também, homem atento às coisas novas que o pensamento contemporâneo propunha à sua filosofia tomista. Não chegou a ver o desenvolvimento ulterior da escola tomista jesuíta, que se inicia com Maréchal e culmina no pensamento de Rahner e Lotz, num diálogo atualíssimo de Santo Tomás com Heidegger. Contudo, não nos esqueçamos de que Leonel Franca elogiava o caminho que a filosofia cristã tomara com o Cardeal Mercier, patrono de Louvain.

Vivenciando alguns frutos dos movimentos de renovação da Igreja Católica, iniciado no século XIX, com o movimento patrístico, o litúrgico, o bíblico, que culminaram no Vaticano II, Leonel Franca soube captar o espírito de uma nova época, não obstante suas obras de cunho apologético. De alguma forma, buscou a volta às fontes. Um exemplo fundamental disto é sua edição comentada dos Salmos.

Não se trata de retorno no tempo, mas de mirada para o além. Não se trata de desprezo pelo presente em favor de um passado que não pode voltar. Não se trata de ‘uma vingança da vontade contra o tempo que passou’ (Nietzsche). Trata-se, antes, do presente que se abre como um ‘lá mesmo’, isto é, como ‘presente presentificante’. O tempo não é empecilho para esse ‘lá mesmo’, ao contrário, funda-se, ele também, neste princípio. Esta relação ficou bem firmada com o pensamento de Johannes B. Lotz e com ele, de um modo geral, no tomismo transcendental de Maréchal, Rahner e Lonergan: “no interior do

tempo”, afirma Lotz, “pontifica o Ser que se remete ao Homem como destino e que Heidegger encara como o próprio Ser, mas que as nossas considerações fazem remontar ao Ser subsistente enquanto a personalidade verdadeira, fundamentando assim a sequencialidade no ao-mesmo-tempo puro. Este tempo verdadeiro medeia o Homem com o Ser”.

Essa junção entre quando e ‘lá mesmo’, ou entre tempo e ser foi o caminho trilhado no diálogo desses eminentes jesuítas. Creio que devemos reler o Pe. Leonel Franca inserido neste processo. Efetivamente, Leonel Franca percorreu toda a história da Filosofia e, com ela, chegou até o próprio Heidegger, estimulando, assim, o estudo da fenomenologia e da filosofia contemporânea em geral.

Outro aspecto da vida de Leonel Franca foi a criação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sobretudo o fundamento de sua criação. Dentro dos movimentos de renovação da Igreja, não podemos esquecer a instituição de inúmeras academias em todo o mundo para a pesquisa da grande tradição filosófica do Ocidente. Leão XIII lutou por isso, de modo que muitas instituições na Europa e nas Américas foram criadas com o objetivo de aperfeiçoar ‘as coisas antigas com as novidades’ de nosso tempo. Esta confiança de Leonel Franca no fundamento que, no passado medieval, levou à criação das Universidades, estendeu-se ao nosso país por obra deste ilustre sacerdote com a ereção de nossa Universidade Católica. Esta nunca se furtou de sua missão de ensino e de pesquisa, honrando seu fundador. Nunca se furtou, sobretudo, do conhecimento da grande literatura atualizada da filosofia e da teologia, como em tantas outras áreas, e aí está parte da razão de sua excelência. Sua existência, portanto, tem um fundamento, de forma que a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro não pode esquecer-se dessa sua origem sem perder a excelência. Gostaria de me comprometer para que também esta fecunda instituição, a Academia Brasileira de Filosofia, percorra igualmente este caminho.

Termino com uma ilustração aparentemente prosaica. Aquela rocha cilíndrica fincada no solo, ao fundo desta sala, que pode ter parecido um estorvo ou mesmo um enigma para quem chegou aqui pela primeira vez, que ela sirva de imagem programática para todos nós, os acadêmicos, e os amigos da Filosofia. Trata-se de um poço. Nada além de um poço, um poço de água! Na verdade, era a isso que me referia ao falar de ‘retorno ao ser’. Tratava-se, pois, do retorno ao fundamento, à fonte, pois, não importa por onde começemos, pois para lá voltaremos novamente.